



XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

TRANSGRESSÃO E REFLEXÃO: A OUSADIA DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *A AUDÁCIA DESSA MULHER* DE ANA MARIA MACHADO

Roseli Meira Gomes Rocha¹

INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho visa refletir como a escrita de autoria feminina contemporânea na literatura brasileira, em harmonia com o pensamento feminista, tem buscado construir identidades femininas, questionando o modelo disseminado pela ideologia patriarcal, que é insistentemente representado na literatura canônica masculina. Este estudo tem como ponto de partida para as reflexões o romance *A audácia dessa mulher* (1999), de Ana Maria Machado. Esta obra abarca vozes femininas que transgridem o pensamento patriarcal, além de traçar um diálogo entre a mulher do século XIX com a do século XX, enfatizando as diversas transformações sociais neste período.

Publicado no ano da comemoração do centenário do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, este livro apresenta o diálogo entre Beatriz e Capitu. Influenciada pela defesa de Helen Caldwell (2002) que acredita na inocência de Capitolina, a autora a transforma em Lina. O olhar feminino de Beatriz Bueno, protagonista da história, nos leva a pensar sobre os valores sociais entre os séculos elencados e isso faz desta obra um precioso objeto de estudo, pois mostra que é preciso incitar as discussões críticas para poder compreender e reagir às opressões. Neste contexto está a emergência de estudos voltados para a representação da mulher na escrita feminina, seja na criação ou resgate em obras canônicas de escrita masculina, dando voz a quem foi silenciada.

METODOLOGIA

Este estudo é de caráter qualitativo e se desenvolverá mediante estudo sistemático do romance *A audácia dessa mulher* de Ana Maria Machado, destacando a sua importância

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: roseshasnay@hotmail.com



para a literatura brasileira contemporânea, construindo um panorama elucidativo sobre a representatividade da sua escrita para as questões referente ao estudo de gênero. Baseando-se em estudos alusivos à literatura, história e sociologia, possibilitando, assim, maior compreensão dos problemas apresentados, auxiliado por estudiosas como Virgínia Woolf (2014), Simone Beauvoir (2009), Rosiska Darcy Oliveira (1993) entre outras, para as práticas letradas do Feminismo amadurecido.

Norteados por fundamentos teórico/metodológicos, privilegiando textos que abordem, entre outras questões: a) o romance estudado; b) história e comportamento social; c) representação feminina; d) a recepção do público leitor do séculos XIX, XX e XXI; e) a organização social e política do Brasil do século XIX ; f) a organização social e política do Brasil do século XX; do mesmo modo, que valeremos de obras de referência, como dicionários e enciclopédias especializados, bem como material confiável disponível na internet.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando traçar o perfil feminino, dentro da sociedade em épocas distintas, é interessante observar como, possivelmente, a ideia de submissão e inferioridade foi difundida a partir de dogmas religiosos. No livro de Gênesis, por exemplo, Eva é apresentada como a primeira mulher, feita a partir da costela de Adão, tornando, assim, sua companheira. Eva, cuja etimologia significa “doadora de vida” faz o homem provar o fruto proibido, motivo pelo qual os levam à expulsão do Paraíso, mas a sua representação negativa é resgatada depois pela imagem positiva da Virgem Maria, que é o modelo ideal de mulher de acordo com os parâmetros exigidos pela sociedade patriarcal, por se tratar de uma mulher sem mácula, mãe e esposa fiel. Essa dualidade feminina vem sendo perpetuada desde o início dos tempos e reafirmada na escrita masculina.

Em *Um teto todo seu*, Woolf (2014) nos mostra que no século XV era um direito garantido por lei bater na esposa e se a filha recusasse casar com o pretendente escolhido pelos pais poderia ser espancada ou até ser presa. Contudo, o que causa estranhamento é o fato que neste período as personagens femininas eram retratadas com heroínas “De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância (WOOLF, 2014, p. 65)

A imagem feminina deveria estar associada uma mulher meiga e pacífica ligada



a perpetuação dos bons costumes, próxima a imagem da virgem Maria. Em meio a permanência desse discurso no início do século XX surge o pensamento filosófico DE Simone Beauvoir, que chega à conclusão ao observar os deslizos do feminismo marxista que não importa se o regime econômico é capitalista ou socialista, a discriminação e a inferioridade feminina continuavam imperando. Para Beauvoir, “o homem é sujeito, o absoluto; ela é o Outro” e sendo assim, caberia uma postura mais radical para alcançar a independência. (BEAUVOIR, 1980, p.10). Entretanto, a cautela deve ser mantida, visto que o movimento afronta o patriarcalismo e suas imposições, não configura ataque aos homens. O feminismo propõe uma equidade entre homens e mulheres no que se refere ao poder político, social e econômico, reconhecendo suas diferenças.

Na segunda metade do século XX, segundo Moreira (2003), as mulheres estavam cada vez mais instruídas e ocupavam espaço nas universidades, porém, apesar dos avanços, muitos degraus ainda tinham que ser conquistados. Dentre estes progressos está a publicação de *A audácia dessa mulher* (1999) de Ana Maria Machado, que descortina as representações de identidades femininas silenciadas e construídas pelo modelo patriarcal. Lygia Fagundes Telles nos acrescenta que: “sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos” (apud Coelho, 1993, p. 6).

A obra analisada foi escrita em um ambiente bem diferente do descrito por Woolf (2014) no ensaio *Um teto todo seu*, em que a mulher dependia financeiramente do pai ou marido, não tinha um espaço reservado para produzir seus textos, além de não ter estímulos e nem uma educação de qualidade. Esta liberdade de pensamento traz para a literatura feminina uma temática diferente, que não seja pautada em um desabafo pessoal, e “talvez a mulher esteja começando a usar a literatura como uma arte, não como um método de expressão pessoal”. (WOOLF, 2014, p. 99)

De maneira engenhosa Ana Maria Machado traz para o enredo deste romance um caderno de receitas que também seria usado como um diário pela personagem Capitu. Esta artimanha apontada pela obra é explicada por Norma Telles numa perspectiva histórica

(...)cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e estados de alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo – que se sabe, em se tratando de mulher casada, só podia ser bandalheira. Ficavam sim com o caderno do dia a dia, onde, em meio a receitas e gastos domésticos, ousavam escrever uma lembrança ou ideia. Cadernos que Lygia vê como um marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira de letras, ofício de homem (TELLES in PRIORE, 2011, p. 409).



Beatriz Bueno representa a mulher contemporânea, solteira, independente, além de ser professora de literatura é escritora de textos de viagem, bem diferente do perfil esperado de uma mulher do século XIX, como Lina, com quem dialoga no romance. Outro personagem é Virgílio de Pádua Toledo, que também é escritor de livros de culinária. Sua relação com Bia teve início ao serem convidados para prestarem consultoria em uma série de TV. E é ele quem empresta o diário de Lina, herdado de uma parenta distante que viveu na Europa e proporciona esse interessante encontro entre essas mulheres.

Almejar igualdade de condições e ter sucesso no espaço público não deveriam estar associados à homogeneização dos sexos. De acordo com Rosiska Darcy de Oliveira (1993, p. 73-74) é indispensável valorizar a diferença feminina, seu livro *Elogio da diferença: o feminismo emergente*, nos diz que “redefinir o feminino é não ter mais um passado nostálgico já repudiado, ao qual se referir, nem tampouco um modelo masculino ao qual aderir. Reconstruir o feminino é o destino do movimento das mulheres”. Ana Maria Machado propõe “reconstruir” o feminino retratando perfis transgressores que representam hoje o que muitas feministas sonharam no passado.

O contraponto proposto pela autora não uma mera comparação entre personagens femininas. A dona do caderno de receitas, Lina, se distancia de Capitu de *Dom Casmurro*, e se aproxima de Bia, com um filho pequeno e sozinha na Europa conseguiu sobreviver. Uma mulher transgressora no século XIX.

Entre outras personagens, Ana Lúcia e dona Lourdes, mãe de Virgílio, merecem destaque. A primeira é uma moça pobre, secretária pessoal de Beatriz e vive relacionamento conturbado com Giba, extremamente ciumento e machista, mas que graças à leitura dos escritos de Lina se torna forte e decide não se submeter aos caprichos do seu noivo. Giba é a versão moderna de Bento, com seu ciúme doentio. Segundo Cristiane Ferreira de Souza (2012, p.79):

Dentro do romance, Ana Lúcia é a personagem mais jovem e de transição, é aquela que está rompendo com os laços do passado de dominação masculina e tentando desvencilhar-se, mesmo que de maneira dolorida, dos laços de machismo e de dominação do casamento, dentro da sociedade patriarcal.

A segunda foge do estereótipo de vovó dona de casa. Após a morte repentina do marido, Dona Lourdes, com espírito empreendedor, reinventou-se para sustentar os filhos adolescentes, distanciando-se da figura de matriarca e com uma vida plenamente ativa.



CONCLUSÃO

A tomada de voz feita por Ana Maria Machado refletindo o patriarcalismo e autoritarismo em um texto canônico, aproveitando as brechas deixadas por Machado de Assis é legítima, pois trata-se do papel social da literatura. Não é uma tentativa de ditar verdades absolutas, é uma maneira de dar ao leitor um outro lado da história, até porque no período em que o livro *Dom Casmurro* foi escrito o solo não era fértil para um pensamento libertário.

A mudança de postura de escritores, como Ana Maria Machado, está auxiliando a difusão das evoluções sociais e multiculturais, o que torna rico e prazeroso o estudo das obras desta autora que consegue se reinventar a cada momento, seja na literatura infantil, juvenil ou adulta.

Palavras-chave: Gênero. Escrita feminina. Transgressão.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BÍBLIA. A.T. Êxodo. In: REFERÊNCIAS **Bíblia de Jerusalém**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Católica Internacional, 1985.p. 20-17

CALDWELL, H. **O Otelo Brasileiro de Machado de Assis**. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Ateliê Editorial. 2002

COELHO, N. N. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

FARIAS, Leila Wanderléia Bonetti. **A audácia dessa mulher: Ana Maria Machado e a subversão do cânone na reescrita de Capitu**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007. f.132



MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. Escrita, crítica e gênero: uma trajetória feminina feminista. In: **A condição Feminina Revisada**: Julia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 29-72

ROSISKA, Darcy de Oliveira. **Diferença na igualdade Elogio da diferença**: o feminino emergente. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 73-74.

SOUZA, Cristiane Ferreira de. **A reapresentação de Machado de Assis em Ana Maria Machado**: a ousadia de trazer o clássico à modernidade. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.f. 79

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2011.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tordesilhas, 2014.